



Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico
Evento: 2011 JP - XVI Jornada de Pesquisa

ABANDONO DO TRABALHO DOCENTE EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: FORMATOS DIFERENTES DE UM MESMO FENÔMENO¹

Fernando Jaime Gonzalez², Paulo Evaldo Fensterseifer³, Renato Weiler Ristow⁴, Ana Paula Glitz⁵.

¹ Informe de pesquisa do Grupo de Pesquisa Paidotribas

² Docente do Departamento de Humanidades e Educação da Unijuí. Membro do grupo de pesquisa "Paidotribas". ffg@unijui.edu.br

³ Docente do Departamento de Humanidades e Educação da Unijuí, membro do grupo de pesquisa "Paidotribas". fenster@unijui.edu.br

⁴ Estudante do Curso de Educação Física do Departamento de Humanidades e Educação; E-mail: renatoristow@gmail.com

⁵ Graduada em Bacharelado e Licenciatura em Educação Física, egressa de 2010 da UNIJUI. E-mail: ana.glitz@unijui.edu.br

Resumo

Este texto se insere no projeto “Educação Física e atuações docentes” desenvolvida por pesquisadores do grupo de Paidotribas da Unijuí. O objetivo é compreender como se entrelaçam as diferentes dimensões que levam a experiências bem-sucedidas ou ao processo de abandono do trabalho docente entre professores de Educação Física que atuam em escolas públicas. Dentro desse projeto, esta investigação teve como objetivo reconhecer semelhanças e diferenças entre professoras de Educação Física que se encontram num processo de abandono do trabalho docente. O texto foi construído com base em dois estudos de caso, desenvolvida no ano de 2010 em escolas da rede pública em municípios da região noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Os instrumentos utilizados para coleta de dados foram a entrevista semi-estruturada, diário de campo. Os resultados indicam que em comparação aos outros casos já investigados, podemos conjecturar que as razões e/ou motivos do desinvestimento podem ser diferentes, não obstante o formato de suas manifestações seja muito semelhante (prática esportiva, centrada na vivência, baixo ou nenhum nível de intervenção do professor). Ainda, o possível reconhecimento destes profissionais parece estar mais ligado a fatores extraclasse do que às aprendizagens específicas sobre os saberes da disciplina.

Palavras-chave: atuações docentes; desinvestimento pedagógico; educação física

Introdução

A promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9394/96) em 1996 legitimou a Educação Física como componente curricular da Educação Básica. Um ano depois, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), inspirados nos princípios do movimento renovador, consolidou a cultura corporal de movimento como objeto de estudo





Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico

Evento: 2011 JP - XVI Jornada de Pesquisa

central da disciplina de Educação Física no ensino fundamental. Tal condição não foi alcançada sem controvérsias, pelo contrário, houve intensas disputas políticas antes, durante e depois da promulgação da LDB de 1996 e da publicação dos PCN, alimentadas tanto pelos pioneiros do “movimento renovador”, que defendiam as conquistas alcançadas, quanto pelos herdeiros do “exercitar para...”.

Apesar de já ter se passado quase vinte anos da materialização de propostas nesta linha, e de quase quinze anos do lançamento da primeira versão dos Parâmetros Curriculares Nacionais, não é fácil romper com a lógica que sustentou o trabalho docente em Educação Física por quase um século. O atual contexto escolar ainda revela que o caráter tradicional da Educação Física é muito presente, ou o que é ainda pior, o abandono do trabalho docente.

O abandono do trabalho docente no contexto do grupo de pesquisa é o tipo de atuação profissional que recebe denominações como rola bola, largobol, aula matada. Em linhas gerais, trata-se de um professor que não apresenta grandes pretensões com suas práticas; talvez a pretensão maior seja a de ocupar seus alunos com alguma atividade. Com frequência, converte-se em simples administrador de material didático, atividade que não exigiria, em princípio, formação superior. Outras vezes, assume uma postura de compensador do tédio dos alunos produzido nas outras disciplinas (como Matemática, Português etc.). Outra característica marcante é que, como consequência desse não se empenhar ou dessa ausência de pretensão com a prática pedagógica, o que se nota é a configuração de um fenômeno que podemos denominar de não-aula (GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER, 2006; MACHADO et al., 2010).

Os estudos mostram que atuação docente é atravessada por diversas dimensões em se combinam elementos tanto macros (política educacional, transformações na disciplina), como micros (organização escolar, relação com ambiente escolar) do universo social. Nessa linha, a pesquisa tem como objetivo compreender o entrelaçamento das diferentes dimensões que concorrem para originar/impedir, estimular/inibir o processo de abandono do trabalho docente de duas professoras de Educação Física (EF) de escolas públicas da região noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Particularmente identificar as semelhanças e diferenças considerando três das quatro dimensões relacionadas com a atuação docente: (a) o processo de transformação da área, (b) as condições objetivas de trabalho e (c) a cultura escolar e sua relação com a disciplina.

Metodologia

Para o desenvolvimento deste trabalho foram utilizados os dados de dois casos estudados no contexto do Grupo de Pesquisa durante o ano de 2010. Os casos foram escolhidos por serem professoras experientes e protagonistas de atuações, aparentemente, distintas, mas marcadas em nossa perspectiva pelo não-ensino.

A pesquisa se caracteriza como um estudo de casos múltiplos de base etnográfica. Em ambos os estudos, foram realizadas observações sistemáticas de partes das aulas ministradas pelas professoras (registros em diário de campo) e entrevistas com os sujeitos pesquisados e outros membros da comunidade escolar. No que se refere às observações, foram enfatizados aspectos didáticos (formas de organizar/administrar o conhecimento), pedagógicos (relação



Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico

Evento: 2011 JP - XVI Jornada de Pesquisa

estabelecida com os alunos) e administrativos (relação com a gestão escolar). As entrevistas foram semi estruturadas, com base num questionário com perguntas referentes ao cotidiano profissional e extra-profissional das professoras.

Resultados

A comparação dos casos estudados indicaria tratar-se de situações muito diferentes. No entanto, em nossa perspectiva se tratam de dois casos de abandono do trabalho docente, com contornos diferentes no largo espectro de possibilidades que esta atividade pedagógica pode assumir quando o professor não orienta sua atuação pela ideia do ensino de uma disciplina escolar. Para poder pontuar as semelhanças e diferenças destes casos, optamos por fazer uma breve descrição dos casos pesquisados seguida de uma sequência de tópicos comparativos.

A professora Joana

Joana, 48 anos de idade, casada, sem filhos. Formada em uma universidade da região de forte orientação “tradicional-esportiva” (Betti, 2006). Vinte e um anos de magistério, os últimos 16 (dezesesseis) apenas na escola estadual onde foi realizada a pesquisa. Sempre trabalhou 40 horas.

Foram acompanhadas em torno de 20 aulas de diferentes turmas e níveis de escolaridades. A partir das observações realizadas percebemos que a dinâmica da aula de Educação Física repete-se sem muitas alterações. Exceto nas primeiras aulas observadas, em que a professora realizou algumas atividades em sala de aula. Através das observações realizadas foi possível avaliar que as aulas são em sua maioria, momentos em que alguns alunos (os participantes), praticam esportes. Nestas aulas os alunos são encaminhados pela professora até o local das práticas (ginásio ou quadra aberta), escolhem os times e começam a jogar. Os esportes mais vivenciados são futsal, o qual prevalece, handebol e vôlei. A professora fica presente na quadra, juntamente com os alunos que não estão praticando. Nas aulas observadas, não foi visto intervenções da professora em relação as práticas.

O contexto escolar é descrito por Joana como hostil a sua pessoa e a disciplina. Na descrição do entorno institucional a falta de apoio financeiro para a compra do material didático e a redução sistemática do número de horas da disciplina ao longo dos anos são apresentados como as principais evidências dessa situação. Em conversas com a professora surgiram questões sobre o mau relacionamento dela e a diretora, o qual, segundo Joana, teria origem em diferenças político-partidárias. Segundo a mesma (professora), em decorrência disto muitas vezes os pedidos feitos por ela, como material, são recusados, com alegações de que existem outras prioridades de investimentos no colégio.

Porém, ao conversar com a diretora, tomamos conhecimento de outra versão. Segundo ela, o relacionamento entre direção e professores não apresenta grandes problemas. Salienta que tem consciência de que algumas pessoas não gostam dela, porém nada relevante. Quanto à aquisição de materiais pedidos por Joana, a diretora deixa claro que, realmente, se o pedido da professora equivale a dez bolas, quando consegue comprar quatro é muito. Porém, não deixa de comprar ao menos o que pode. Outro ponto importante, observado durante a entrevista



Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico

Evento: 2011 JP - XVI Jornada de Pesquisa

realizada com a diretora da escola, é que a mesma deixou claro que não faz questão de investir verbas a mais nos materiais para a disciplina de Educação Física, pelo fato de não ver sua utilização. Pois, segundo ela, com base em seu tempo de trabalho nesta instituição, a mais de 30 anos, o que sempre prevaleceu nas aulas de Educação Física, foi o futsal, sendo assim não há necessidade de outros materiais.

Neste contexto, ainda se esforçando para não fazer críticas diretas ao trabalho de Joana, a diretora e outros atores escolares deixam escapar manifestações sobre sua insatisfação com o não-trabalho da professora.

A professora Maria

Maria, 35 anos, casada e um filho. Ela concluiu a graduação em Educação Física em 1999, noutra universidade da região com uma perspectiva diferente de formação profissional, na qual, em 2007, começou uma nova graduação, na área da saúde. Ela estava, na época da pesquisa, há dez anos no exercício da docência e trabalhava 30 horas semanais. Além de seu envolvimento com a nova graduação e com a família, Maria divide seu tempo auxiliando seus pais na administração de um pequeno comércio e participava de atividades culturais (por exemplo, num coral da cidade).

Na escola onde foram desenvolvidas as observações, trabalhava há seis anos com 30 horas semanais, sendo apenas uma hora destinada para estudo e planejamento. Além das aulas regulares desenvolve um projeto especial de dança na escola com um grupo de alunos voluntários e gerencia a merenda da escola.

Foram acompanhadas em torno de 20 aulas de diferentes turmas de ensino médio. Em linhas gerais, as aulas da professora acabaram por se mostrar, de certa forma, como se acontecessem de modo automático. Os alunos e a docente pareciam cumprir um roteiro tácito do encontro pedagógico: sabiam o que iria acontecer, então, sem questionar a rotina, cumpriam seus papéis. Apenas em um dia de chuva a aula iniciou na sala; o resto começou em frente à escola (pátio), com os alunos conversando e esperando a professora. O automatismo da rotina levava os alunos a nem mesmo esperar que a professora terminasse a chamada para se deslocarem à quadra, como se não esperassem nada. Sabiam que a professora pediria que eles se dirigissem à quadra posteriormente. Em nenhuma de suas aulas a professora fez menção ao trabalho realizado em encontros anteriores ou contextualizou o trabalho que seria desenvolvido no dia. Apenas, em alguns momentos, enfatizava a importância de praticar os exercícios propostos. Também não mencionava ou solicitava trabalhos teóricos. A exercitação dos fundamentos da modalidade não parecia ganhar centralidade no trabalho da professora. Na maioria das aulas observadas, a professora solicitava aos alunos, divididos em grupos, que realizassem alguns exercícios (como o toque e a manchete, quase sempre). Mas, poucos minutos depois, particularmente quando o jogo começava, os alunos paravam de praticar e a professora não investia energia para mantê-los envolvidos na tarefa (o que passa a impressão de uma importância relativa dessas atividades), como aparece no fragmento do diário de campo anterior e no próximo. Em todas as aulas, os últimos 20 minutos eram ocupados com jogos de futsal, apesar de o conteúdo da aula ser voleibol. Durante as aulas, os meninos não exercem pressão alguma sobre a professora no sentido de praticarem o futsal, pois sabem que



Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico

Evento: 2011 JP - XVI Jornada de Pesquisa

é uma prática garantida que não necessita ser demandada. Durante o jogo, os meninos organizam-se por turma para jogar (101 vs. 102), e dentro de cada grupo vão revezando. As meninas geralmente não jogam, ficam conversando com a professora na sombra do edifício da escola. No entanto, numa das aulas, elas manifestaram o desejo de jogar, e a docente atendeu imediatamente ao pedido. Comunicou a decisão aos meninos, que cederam o espaço sem maiores reclamações. Ficou claro que a professora continuava sendo a dona da aula.

Percebe-se, em linhas gerais, que as aulas da docente são avaliadas positivamente pelos colegas de trabalho. Segundo o outro professor de Educação Física da escola, Maria “realiza um bom trabalho com a turma”. Particularmente, a direção da escola apoia sua forma de trabalhar, e a expectativa é que ela continue dessa forma. De acordo com a diretora, “a professora realiza um ótimo trabalho, os alunos gostam muito das aulas dela”. Também afirma que a professora tem o que é preciso para o desenvolvimento das aulas. Dessa forma, as práticas realizadas aparecem mais como uma opção da professora que por algum tipo de constrangimento imposto pela gestão educacional. Na mesma linha, os alunos manifestaram, em conversas informais com o pesquisador, que as aulas são “boas, por proporcionarem práticas esportivas [como vôlei e futsal]”, tendo a professora facilidade em transmitir o ensino destas práticas. Em linhas gerais, todos estão conformes com seu trabalho.

Pontos de comparação

Na leitura dos diários de campo produzidos com base nas observações das aulas das professoras Joana e Maria aparecem várias diferenças. Destacam-se o fato da professora Maria não ter perdido a condução da aula e se manter “ativa” durante as mesmas. No entanto, também tem semelhanças. Em ambas observamos uma aula mais centrada no ativismo que no ensino. Ainda que a professora Maria chega a encaminhar tarefas orientadas, por exemplo, ao desenvolvimento dos “fundamentos” da modalidade, o “desvanecimento” do envolvimento dos alunos nos exercício e a pouca ênfase que a professora coloca na realização e correção do mesmo, aponta mais para um processo de simulação de uma preparação dos alunos para a modalidade que efetivamente um investimento nesse sentido. O que se mantém efetivamente é o jogo.

Uma diferença gritante está na valorização da atuação por parte da gestão escolar. As professoras ocupam lugares muito diferentes nas suas instituições. A semelhança, no entanto, está que nos dois casos os gestores educacionais não estão muito interessados no que os alunos aprendem (ou deixam de aprender) nas aulas de Educação Física. Uma visão tradicional desta atividade pedagógica a mantém relegada a uma ideia vaga de cuidado do corpo orgânico e espaço compensador dos esforços intelectuais demandados pela escola.

Considerações finais

Nesta lógica, o “bom” professor de Educação Física é aquele que não falta ao trabalho, cumpre horário, mantém a burocracia em dia, dá conta dos alunos da sua turma e daqueles que estão soltos no pátio, consegue conter situações indesejáveis (alunos machucados, indisciplina, uso indevido do espaço, saídas da escola, etc.), não é muito exigente (conforma-se com o material e infraestrutura disponível), está sempre à frente da organização





Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico

Evento: 2011 JP - XVI Jornada de Pesquisa

de eventos e disponível para as demandas da escola, independente do que proponha em suas aulas. O possível reconhecimento destes profissionais parece estar mais ligado a fatores extraclasse do que às aprendizagens específicas sobre os saberes da disciplina.

Referências

- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. – 5. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2010.
- FARIA, Bruno de Almeida et al. Inovação pedagógica na educação física: o que aprender com práticas bem sucedidas? In: *Ágora para la Educación Física y el Deporte*, v. 1, p. 11-28, 2010.
- MACHADO, Thiago da Silva et al. As práticas de desinvestimento pedagógico na educação física escolar. In: *Movimento*, Porto Alegre, v. 16, p. 129-147, abr/jun. 2010.
- GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Educação física e cultura escolar: critérios para identificação do abandono do trabalho docente. In: *CONGRESO DE EDUCACIÓN FÍSICA: REPENSANDO LA EDUCACIÓN FÍSICA*, 2006, Córdoba. Actas del Congreso de Educación Física: repensando la Educación Física. Córdoba: Ipef, p. 734-746, 2006.